

# O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO E A LUDICIDADE

## THE IMPORTANCE OF THE PLAY MATERIALS IN THE AUTISTIC CHILD'S LEARNING

Djessyca Steffane Silva de Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** O autismo é um Transtorno invasivo do desenvolvimento caracterizado por dificuldades nas áreas de interação social, comunicação e comportamental. O autismo não tem cura, geralmente é diagnosticado a partir dos três anos de idade e o seu tratamento busca trazer uma melhor qualidade de vida para o autista. As crianças autistas têm dificuldade em aprender da forma tradicional, então, é importante que os professores ressignifiquem a forma de ensinar, utilizando materiais lúdicos para uma aprendizagem mais prazerosa e significativa. Neste sentido, esta pesquisa buscou verificar como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo. Para tal, é importante compreender o que é o autismo; analisar como se dá o processo de aprendizagem de crianças com autismo e apreender o papel do lúdico na aprendizagem da criança autista. A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois, aborda questões que não podem ser quantificadas; para responder as questões e os objetivos propostos, será realizado um estudo bibliográfico, com base em livros e artigos referentes ao tema; a pesquisa é de cunho exploratório, de forma que é possível ter uma visão global da obra, bem como de sua utilidade para a pesquisa. Dessa forma, esse trabalho é relevante uma vez que pode contribuir para a reflexão por parte da sociedade, dos educadores e de familiares acerca de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. Especialista Em Psicologia Infantil pela FAVENI- Faculdade Venda Nova do Imigrante. Psicóloga pela Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns. Trabalha na Coordenação de Apoio ao Ensino e ao Estudante (CAEE) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Campus Garanhuns, PE, Brasil.

como se dá o processo de aprendizagem da criança com autismo e a importância da ludicidade para tal, possibilitando um novo olhar sobre a educação para as crianças autistas.

**Palavras-chave:** Autismo; criança; ludicidade; educadores; ensino-aprendizagem.

**Abstract:** The Autism is a Pervasive Developmental Disorder characterized by difficulties in the areas of social interaction, communication and behavior. The Autism has no cure, it is generally diagnosed after the age of three and its treatment seeks to bring a better quality of life to the autistic person. Autistic children have difficulty learning in the traditional way, so it is important that teachers give new meaning to the way they teach, using playful materials for more pleasurable and meaningful learning. In this sense, this research sought to verify how the teaching and learning process of children with autism takes place. To do this, it is important to understand what autism is; analyze how the learning process occurs in children with autism and understand the role of play in the learning of children with autism. This research is characterized as qualitative, as it addresses issues that cannot be quantified; To answer the proposed questions and objectives, a bibliographic study will be carried out, based on books and articles relating to the topic; The research is exploratory in nature, so that it is possible to have a global view of the work, as well as its usefulness for research. Therefore, this work is relevant as it can contribute to reflection on the part of society, educators and family members about how the learning process of children with autism takes place and the importance of playfulness in this regard, enabling a new perspective. about education for children with autism.

**Keywords:** Autism; Children; Playfulness; Teachers; Teaching/Learning.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por uma dificuldade nas interações sociais, na comunicação, e no comportamento. A criança com TEA apresenta comportamentos, interesses e atividades restritos, repetitivos, além uma adesão inflexível a rotinas, podendo ter atraso ou ausência de linguagem falada, a pessoa que tem autismo tende a entender tudo de forma literal, e tem dificuldade em compreender as emoções, ou conceitos abstratos.

O Transtorno do Espectro do Autismo tem mais incidência no sexo masculino, suas causas ainda não são totalmente conhecidas, o que se sabe é que se tem fatores genéticos e ambientais atrelados, mas que não incidem de forma igual em todas as crianças que têm o autismo, pois, cada autista é único dentro do espectro. O autismo pode ser diagnosticado antes dos 3 anos de idade, porém esse diagnóstico não é fácil de ser realizado, uma vez que os sintomas do TEA não aparecem de forma tão clara, confundindo profissionais e familiares. Não há cura para o autismo, e o tratamento deve ser multidisciplinar, englobando médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e pedagogos, entre outros profissionais, sempre na tentativa de oferecer mais autonomia e diminuir as limitações destas crianças, melhorando a qualidade de vida delas.

Devido à dificuldade na linguagem, as crianças com autismo podem apresentar dificuldade em aprender com explicações excessivamente teóricas, por isso, é importante que os profissionais da educação repensem e mudem a forma de trabalhar com as mesmas, uma vez que ao ingressar na escola, toda criança já sofre um impacto natural, uma vez que a sua vida era voltada ao brincar e a família, e para que haja uma melhor adaptação e a aprendizagem se efetive, o lúdico dentro da escola se torna imprescindível.

Dentro do que foi explicitado acima, percebe-se que é possível que o professor repasse os conteúdos às crianças através de materiais lúdicos dentro da escola, uma vez que essa é a linguagem que a criança utiliza, além disso, é importante que os profissionais da educação reflitam sobre o fato de que lúdico facilita o processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que a criança aprenda de

forma mais prazerosa e significativa.

Neste estudo utiliza-se os termos lúdico e brincar como sinônimos. O objetivo deste trabalho é verificar como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo. Para tal, é importante compreender o que é o autismo; analisar como se dá o processo de aprendizagem de crianças com autismo e apreender o papel do lúdico na aprendizagem da criança autista.

Dessa forma, esse trabalho é relevante uma vez que pode contribuir para a reflexão por parte da sociedade, dos educadores e de familiares acerca de como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo e a importância da ludicidade para tal.

Portanto, esse estudo traz contribuições da perspectiva histórico-cultural sobre o tema o que possibilita um novo olhar sobre a educação para os alunos autistas, algo que ainda é um tabu nos dias atuais, uma vez que se percebe que a maioria das escolas não estão preparadas para lidar com tal demanda.

## **DESENVOLVIMENTO**

O interesse neste tema surgiu após a inserção no campo escolar da Psicologia, ao observar o aumento do número de crianças com autismo nas escolas, e como as escolas e profissionais estavam despreparadas para essa realidade, o que dificultava o processo de aprendizagem da criança com autismo. Com isso, surgiu o questionamento: como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo para que ela aprenda? Ao pesquisar sobre o tema, estudos apontam que a utilização de técnicas lúdicas é um caminho a ser seguido.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois, aborda questões que não podem ser quantificadas, ou seja, segundo Minayo (2002) trabalha com significados, crenças e valores, o que corresponde a um espaço profundo das relações e fenômenos que não podem ser reduzidos à quantificação e operacionalização.

Afim e responder as questões e os objetivos propostos, será realizado um estudo bibliográfico.

co, objetivando compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo, com base em livros e artigos referentes ao tema, que de acordo com Minayo (2002, p.53) “coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse”, é de cunho exploratório que segundo Gil (2010, p. 59) “tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa [...] De forma que é possível ter uma visão global da obra, bem como de sua utilidade para a pesquisa.”

### **Breves Considerações sobre o autismo**

O autismo é um transtorno que vem sendo muito falado na contemporaneidade, isso não significa que é um transtorno que surgiu apenas nos dias atuais, mas que apenas recentemente tem-se falado mais sobre o autismo e se feito mais estudos e pesquisas acerca do mesmo, então, com o aumento de informações sobre o TEA, aumenta também o número de diagnósticos. Portanto, para compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo é preciso que se conheça algumas características típicas do TEA e como ele se apresenta nos indivíduos.

Araújo; Schwartzman (2011) afirmam que testes recentes têm mostrado que pessoas com autismo tem prejuízos na percepção e reconhecimento de faces, além disso, tem dificuldades em compreender emoções e expressar afeto, compreender quando as outras pessoas estão brincando ou mentindo, uma linguagem metafórica ou uma comunicação sutil. Pode-se concluir através da fala do autor que há uma dificuldade na criança autista em compreender coisas abstratas, sejam gestos, palavras, brincadeiras, indiretas, e emoções, coisas que estão inseridas em todos os contextos de relações sociais.

Araújo; Schwartzman (2011) de acordo com a visão de Vig e Jedrysek (1999) descrevem que as crianças autistas têm o brincar atípico, ou seja, brincam com partes de objetos ou apenas com alguns objetos, se relacionam de forma não funcional com os brinquedos; e não possuem atenção compartilhada.

Portanto, conclui-se a partir da fala do autor acima que na criança com autismo, o brincar se dá de forma diferente, como por exemplo, brincar apenas com as partes de algum objeto, ou de forma fixa, não aceitando brincar com outros tipos de brinquedos é percebido nas crianças autistas, além do brincar de forma não funcional com o brinquedo, o utilizando de uma forma completamente diferente daquela que é o usual, como por exemplo, o gostar de brincar apenas com as rodinhas de um carrinho de forma repetitiva.

Pode-se concluir também, a partir da fala do autor, que na criança com autismo, há a falta de atenção compartilhada, ou seja, a falta de habilidade em, juntamente a outra pessoa, manter o foco ou a atenção em uma mesma coisa (objeto em comum), e isso se dá pelo motivo de que, para que se tenha uma atenção compartilhada sobre algo com uma outra pessoa, é preciso haver interação social e o entendimento de emoções e expressões, coisas que a criança autista tem dificuldade em desenvolver.

Boralli (2008) diz que crianças autistas apresentam resistência a métodos comuns de ensino; conduta distante e retraída; indicam suas necessidades através de gestos e crises de choro; têm dificuldade de se relacionar; possuem resistência a mudança de rotina, etc.

Diante da fala da autora, percebe-se através das características apontadas que a criança autista é uma criança que apresenta algumas peculiaridades quanto a forma de aprender, sendo resistentes aos métodos tradicionais de ensino comumente utilizados nas escolas. A conduta distante e retraída reflete a dificuldade em se relacionar com outras pessoas, o que faz com que ela acabe se isolando; além disso, a dificuldade em se comunicar faz com que a criança aponte suas necessidades através de forma não usual, ou seja, utilizando gestos que as vezes não são compreensíveis, ou até mesmo através de crises de choro. A resistência que a criança autista tem na mudança de rotina se dá devido ao fato de que a previsibilidade, ou seja, o saber o que vai acontecer com ela de forma clara através de uma rotina estruturada evita crises que podem ocorrer ao se depararem com o desconhecido.

Mulick (2009) declara que outra característica das crianças autistas são os problemas sensoriais, ou seja, é comum perceber crianças autistas fascinadas por certos estímulos visuais, como luzes piscando e reflexos de espelho, assim como aversão ou preferência por alguns gostos, cheiros e

texturas específicas. Portanto, pode-se concluir com isto que, a criança autista pode possuir um certo deslumbramento ou aversão a certos estímulos sensoriais, sejam estes visuais, olfativos ou do paladar. Battisti & Heck (2015, p. 08) seguindo a visão de Martins, Preusseler e Zavschi (2002, p. 41) descrevem como é percebido dificuldades no autista:

Nas habilidades de interação social e comunicação, associadas à presença de comportamento repetitivo e/ou restrito e interesses em atividades estereotipadas, que representam um desvio acentuado em relação ao nível de desenvolvimento.

Conclui-se a partir da fala dos autores citados acima que a criança autista tem três áreas importantes de seu desenvolvimento comprometidas devido ao autismo: a de comunicação, consequentemente interação social e por fim, comportamento, além de geralmente, manterem os seus interesses nas mesmas coisas.

## **Diagnóstico do autismo**

Um fator importante quando se fala em autismo, é o diagnóstico precoce do transtorno, uma vez que, quanto antes se realiza o diagnóstico através de um profissional capacitado, mais cedo pode se começar as intervenções necessárias para o bom desenvolvimento daquela criança.

De acordo com Bezerra (2018) o autismo não apresenta sintomas clínicos, e é apenas observando o comportamento da criança autista que se percebe traços do autismo. De acordo com o autor, para que haja o diagnóstico, é fundamental que os profissionais envolvidos sejam habilitados e capacitados, pois o diagnóstico é baseado em avaliação clínica. Conclui-se, portanto, que no TEA, para que haja o diagnóstico, é importante que se observe a crianças em seus mais diversos contextos, levando em consideração os seus comportamento, habilidades sociais, e a questão da linguagem, sendo necessário a contribuição de diversos profissionais de diferentes áreas, todos capacitados na área

do autismo.

Mello (2007) afirma também que o diagnóstico deve ser realizado por um profissional especializado, podendo este profissional ser médico neuropediatra ou psiquiatra especializado na área do autismo. Quanto à conclusão do diagnóstico Battisti e Heck (2015, p. 08) seguindo as visões de Martins, Preusseler e Zavschi (2002, p. 41) esclarecem que: “para que se conclua o diagnóstico do autismo, é importante que haja irregularidade nas áreas de interação social, comunicação e comportamentos pelo menos até os 3 anos de idade”. Portanto, isso se dá pelo fato de que, se espera das crianças alguns comportamentos que aos 3 anos de idade já é perceptível para o profissional que vai diagnosticar o TEA, tais como o atraso do desenvolvimento da linguagem, dificuldades nas interações sociais, e alguns comportamentos específicos de crianças autistas que já são visíveis nesta idade, o que não significa que não seja possível um diagnóstico antes dos 3 anos de idade, mas este é mais difícil de ocorrer.

### **O processo de Ensino e aprendizagem da criança com autismo**

O Art. 208 da Constituição Federal de 1988, defende que as pessoas com necessidades especiais têm direito à educação, preferencialmente no Ensino Regular (BRASIL, 1988). Assim, as pessoas com deficiência, nas quais estão incluídas as crianças autistas, devem ser incluídas no ensino regular ainda na Educação Infantil, a fim de desenvolver as bases necessárias para a construção do conhecimento e para que haja o seu desenvolvimento global. Conclui-se, portanto, que todas as pessoas têm o direito assegurado à educação no ensino regular, não devendo haver distinção entre indivíduos inseridos no espaço escolar, para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive.

É partilhando da prerrogativa de que o acesso à educação é um direito fundamental e que é assegurado pela Constituição da República Federativa do Brasil, que a Lei Berenice Piana 12.764/12 surge, em 27 de dezembro de 2012, garantindo que é dever das instituições de ensino, sejam essas públicas ou privadas, matricular a pessoa portadora do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e pro-



ver os meios necessários para que a mesma frequente a sala de aula de Ensino Regular, além disso, as instituições devem contratar mediadores escolares para acompanhamento dentro e fora da sala de aula das crianças autistas, se comprovada a necessidade, e sem cobrar nenhum custo a mais por isso.

A partir desta lei, negar a matrícula de uma pessoa com deficiência constitui crime com punição de dois a cinco anos de reclusão como previsto no artigo 8º da Lei Brasileira de Inclusão 13.146/2015. Além disso, o artigo 7º da Lei Berenice Piana diz que o gestor ou autoridade competente que recusar fazer a matrícula do aluno com autismo, será punido com multa de 3 a 20 salários-mínimos em caso de reincidência, apurada por processo administrativo e assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo.

Battisti e Heck (2015) afirmam que à luz da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a formação dos profissionais da área da educação permitirá a construção de conhecimento para a implementação de práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sociocognitivo de estudantes autistas conforme a nota técnica nº 24 /2013 /MEC /SECADI /DPEE. Para se compreender a importância dos materiais lúdicos no processo de ensino-aprendizagem de crianças autistas é importante compreender de que forma a criança com autismo aprende, quais as particularidades dela que podem facilitar ou dificultar a sua aprendizagem, além de compreender de que forma os profissionais que convivem com esta criança podem contribuir para o seu processo de aprendizagem.

Boralli (2008) afirma que a criança autista aprende através de um processo de associação. Quando se fala de um processo, como o nome já diz, não é algo que acontece de uma hora para outra, processo requer tempo, portanto, em um processo de associação mostra-se a criança algo que se deseja que ela aprenda, utilizando coisas que estão inseridas na realidade da mesma, a exemplo disto Boralli ( 2008, p. 43) fala sobre uma situação de uma mãe de criança autista:

Recordo que um dia eu estava ensinando cor-de-rosa para minha filha, logo após ter- lhe dado uma vitamina de leite com morango. Eu lhe perguntei:

- Tatá, que cor é esta? E ela me respondeu:

- É a cor do morango.

Esta mesma cor ela associou com o seu shampoo (que também era rosa), com o iogurte e assim por diante.

Pode-se concluir através desta fala, portanto, que ao ensinar uma criança, existem várias ferramentas preciosas e lúdicas que o profissional ou familiar pode utilizar, tais como: imagens, figuras e objetos, sempre cuidando em se inserir no mundo daquela criança, buscando facilitar o processo de aprendizagem dela, realizando um processo de associação entre o que se quer ensinar e o que já está inserido na realidade daquela criança.

Silva (2012) afirma que o período de alfabetização da criança com autismo é um dos períodos mais desafiadores para a mesma. A autora traz que por este motivo é preciso que se tenha muita criatividade para adaptar materiais e inserir as letras de forma atraente e estimulante na vida desta criança, por isso, utilizar tablets, jogos, recursos repletos de sons, cores e jogo auxiliam as crianças apresentando bons resultados. Como pode-se perceber, há a possibilidade de se utilizar diversos recursos para propiciar a aprendizagem da criança com autismo, não precisando, o profissional, ficar retido apenas aos métodos tradicionais de ensino.

Um outro aspecto que molda a aprendizagem da criança autista, de acordo com Boralli (2008) é a dificuldade de generalizar as informações recebidas. Através disto pode-se perceber, portanto, que o generalizar significa tornar algo mais amplo, isto significa dizer que a criança autista tem dificuldade em estender o conceito aprendido sobre algo específico a outras coisas, ou outras situações similares, e isso pode ser observado nas diferentes áreas de aquisição de conhecimento que rodeiam a criança.

Um exemplo trazido por Boralli (2008) que mostra a dificuldade de generalização da criança autista é o ato de limpar a boca com guardanapo após as refeições na escola, alguns familiares relatam que a criança não reproduz este comportamento em casa, por possuir uma dificuldade em generalizar o comportamento adquirido no ambiente da escola, por exemplo, em outro ambiente que não seja aquele. É por isso que a autora defende a importância da família participar do processo de ensino-

-aprendizagem da criança de forma mais ativa e interativa, oferecendo aos educadores informações importantes quanto ao manejo das crianças, assim como é importante que os educadores repassem informações no contexto escolar para os familiares, uma vez que tais informações podem ser úteis para os mesmos no cuidado diário daquela criança.

Outro aspecto importante que embasa o processo de ensino-aprendizagem da criança autista defendido por Boralli (2008) é a necessidade de uma grande estruturação e previsibilidade na vida da criança que não está restrita apenas a sua vida escolar. Ou seja, a necessidade de previsibilidade está presente em todos os aspectos da vida da criança com TEA, sendo necessário portanto, a estruturação de uma rotina que a ajude nesse aspecto.

Compartilhando do mesmo pensamento Battisti & Heck (2015) seguindo a visão de Gikovate (2009) afirmam que a rotina é um fator que deve ser trabalhado com as crianças autistas, uma vez que a quebra desta pode gerar comportamentos agitados na criança, e em consequência disto, a criança pode se recusar a seguir em frente enquanto não se retorne ao padrão anterior. Além disso, a rotina é fundamental para estas crianças, pois, faz com que elas consigam organizar o seu espaço e tempo, facilitando sua aprendizagem. Ou seja, a organização de uma rotina é essencial para a aprendizagem da criança autista, caso isso não ocorra, ou existam mudanças recorrentes nesta rotina, a criança poderá ter crises e o seu aprendizado estará ameaçado.

Boralli (2008) traz que um outro aspecto importante presente na aprendizagem da criança com autismo é o fato de ela aprender de forma mais fácil vendo em vez de ouvindo, ou seja, o sentido da visão é um dos sentidos que mais favorecem o contato da criança com o mundo. Por isso que se percebe uma grande gama de estudos que mostram a importância de ensinar a criança através de imagens.

É partindo deste pressuposto que Battisti & Hech (2015) seguindo a visão de Lopes & Pavelacki (2005) afirmam que a memória do autista é voltada para o visual, e por isso é importante que o educador valorize esta característica em suas técnicas em sala de aula, levando cores, tamanhos, espessuras, animais, pessoas, etc. Porém, é importante que o professor se atente ao fato de que a sala

de aula deve ter pouca estimulação visual a fim de que a criança não desvie sua atenção da atividade que está sendo realizada. A partir do que foi explicitado acima, conclui-se que pelo fato de a criança autista ser bastante estimulada visualmente, a única coisa que deve chamar a atenção dela no horário do ensino, é o próprio material utilizado pelo professor, e o restante do ambiente educacional deve ser calmo e agradável, sem a presença de tantos estímulos visuais.

Boralli (2008) fala que a criança autista tem dificuldade em aprender conceitos abstratos, ou seja, elas até são capazes de senti-los, mas tem dificuldade em expressar e explicar o que estão sentindo, e isso se dá ao fato delas serem indivíduos visuais, e estes conceitos abstratos não ficam guardados na mente como uma imagem real. Ou seja, as crianças autistas são crianças com uma facilidade maior em aprender conceitos concretos, uma vez que conseguem visualizá-los, isso pode ser visto em uma cena de um filme intitulado “no espaço não existem sentimentos”, onde o protagonista autista, ao ver o irmão mais velho chorando em sua formatura, lhe pergunta o motivo pelo qual ele está triste, e o seu irmão por vez, responde que está chorando de felicidade, fato este que causa estranhamento na criança autista, uma vez que ela aprendeu e associou o choro à tristeza, e não à emoção causada por um momento de felicidade.

Bosa (2006) afirma que a maioria das crianças autistas tem dificuldade na compreensão de linguagem abstrata, ou dificuldade ao se ver em situações que necessitem de uma sequência de instruções complexas que necessitem ser desdobradas em unidades menores. A autora traz como exemplo um caso ocorrido em uma sala de aula, onde o professor incentivou os estudantes a completarem uma história sobre uma menina e seu cachorro, cada estudante foi convocado a construir verbalmente uma parte da história, após os outros estudantes terem continuado a história focando na menina, o estudante autista criou a sua parte da história focando-se no cachorro, sem fazer conexão nenhuma com os trechos criados pelos outros estudantes anteriormente, mudando o tema da história; em casos como esse, utilizar um quadro com imagens mostrando a sequência das situações poderia ser útil.

Um outro exemplo dado pela autora mostra que uma criança não arrumou os brinquedos quando este pedido foi feito verbalmente, mas os arrumou ao olhar para uma imagem que mostrava

visualmente esta ação.

Boralli (2008) fala que outro aspecto presente no processo de ensino-aprendizagem da criança com TEA e que pode atrapalhá-lo é o fato de que o autista tem dificuldade em compreender o ponto de vista do outro, compreender o que o outro pensa, além de não conseguir prever o comportamento do outro. A autora afirma ainda que a não compreensão do ponto de vista do outro é uma dificuldade que modela o caminho pelo qual a criança autista chega ao aprendizado ou conhecimento. Pode-se concluir, então, que a dificuldade em compreender o ponto de vista do outro atrapalhará suas relações sociais com os pares e com os profissionais que lhe ensinam, e isto está diretamente ligado ao modo como aprende, uma vez que para se aprender é necessário tecer uma rede de relacionamentos com indivíduos e com o ambiente no qual está inserido.

Silva (2012) aponta para o fato de que a vida escolar é muito especial para a criança e todos tem o direito de vivenciar essa experiência. A importância da escola está, de acordo a autora, atrelado ao fato de que é nesta instituição onde a criança aprende a conviver em grupo, a ser um ser social, conviver com as diferenças, passos essenciais a serem tomados rumo à vida adulta. Através da fala da autora pode-se inferir que a escola é um local de potencialização do processo de ensino-aprendizagem da criança, incluindo a criança autista, e é neste ambiente que ela irá se deparar com o novo e as diversas possibilidades de aprender, não apenas as disciplinas tradicionais, mas também, as características que precisam ser aprendidas uma vez que somos seres sociais.

Silva (2012) observa que até mesmo por exigência dos pais as escolas estão cada vez mais conteudistas, e percebe-se que já desde muito pequenas, as crianças são expostas a um grande volume de conteúdos que requisitam habilidades cognitivas e sociais precoces. Portanto, percebe-se que nas escolas, na contemporaneidade, surgem demandas para as crianças que elas ainda não estão preparadas para encarar, e isso pode fazer com que os pais passem a cobrar mais de seus filhos.

É a partir deste pensamento que Silva (2012) afirma que mesmo que as coisas não estejam fluindo como o esperado no ensino as crianças autistas, é preciso, portanto, que se crie recursos criativos para que as crianças possam se desenvolver de forma satisfatória, no ambiente escolar. Através

deste pensamento também, torna-se importante considerar que cada criança é um ser diferente, com suas particularidades e que, portanto, mesmo que haja uma margem do que é considerado “normal” aprender até certa idade, é preciso ter o entendimento de que cada criança tem o seu tempo, e que, se ela não está aprendendo através do método utilizado pelo profissional, o mesmo deve se utilizar de outros recursos e da criatividade para conseguir repassar o conteúdo à criança.

Santos, Santos e Santana (2016) afirmam que os procedimentos utilizados pelos professores para a aprendizagem da criança autista devem ser compartilhados com os pais ou responsáveis por aquela criança, para que estes possam orientar e ajudar seus filhos no processo educativo. Ou seja, a partir da fala das autoras percebe-se a importância de os familiares participarem de forma ativa do processo de ensino-aprendizagem da criança autista, uma qualidade de vida e independência destas crianças.

Silva (2012) afirma que uma técnica que pode ser utilizada pelos professores para ajudar na dificuldade de concentração e de linguagem que as crianças com autismo possuem, é, sempre que possível, utilizar o máximo de material visual ou concreto, como figuras e gravuras, na explicação dos conteúdos, proporcionando ao aluno vivências práticas. Por exemplo, se o professor vai ensinar sobre fotossíntese ao aluno, este pode trabalhar com a criança a plantação de uma semente para que a criança vá vendo a planta crescer e assim possa compreender este conceito. Portanto, o que se pode compreender através deste exemplo citado acima é que a criança autista aprende com mais facilidade vendo ao invés de ouvindo.

Mendes (2015) declara que para que haja uma aprendizagem de forma diferenciada, é necessário um ambiente estimulador, que proporcione a interação com terceiros, tornando a todos agentes participativos de sua aprendizagem, de acordo com a autora também, a ludicidade favorece essa interação e vai promover ao estudante a descoberta e a construção de seus conhecimentos. Como pode-se perceber, para além das técnicas que são utilizadas no ensino a crianças com autismo, é importante que haja, também, um ambiente preparado para estimular a aprendizagem e a interação com outros indivíduos, tornando-o um agente ativo em seu processo de construção de conhecimento.

Mendes (2015) afirma que é necessário que o professor ressignifique a sua prática docente e suas concepções, uma vez que ele está sempre influenciando os educandos, por isso, é necessária uma prática pedagógica que tenha como objetivo levar em consideração as especificidades do estudante. Portanto, a prática do professor precisa ser ressignificada constantemente, é importante que o professor não tenha práticas engessadas, já que para ensinar crianças que tem autismo, o professor vai precisar rever a sua forma de ensinar, considerando as especificidades de cada estudante.

Mendes (2015) declara que há alguns fatores que devem ser considerados ao se elaborar um planejamento pedagógico, tais como a organização do tempo, a utilização de atividades que estejam de acordo com a faixa etária dos estudantes, a definição das áreas a serem trabalhadas e as outras atividades de rotina, sendo assim, é possível ter um novo olhar na aprendizagem das crianças autistas, com a utilização adequada dos jogos, desenvolvendo atividades lúdicas prazerosas que motivem e ativem a aprendizagem. Considera-se, então, que é, de fato, importante levar em conta as especificidades e particularidades das crianças com TEA na hora de planejar o que se vai ensinar a ela, e como se vai ensiná-la, e essa prática constante vai trazer um novo olhar do profissional para sua práxis profissional.

### **A importância do Lúdico No Ensino e aprendizagem da criança com autismo**

Para compreender o conceito do lúdico dentro da escola, realizado através das brincadeiras e dos jogos e de todas as atividades que permitem que as crianças aprendam e se desenvolvam através de ferramentas próprias do mundo infantil, e a importância deste na aprendizagem da criança com autismo, torna-se importante fazer um percurso histórico e compreender o conceito de infância, além disso, torna-se importante também entender como se dava o processo de educação das mesmas.

Àries (1981) afirma que na antiguidade os Gregos e Romanos, famosos por sua educação rígida e moral, forçavam os meninos a saírem do convívio familiar para passar por provações e aprender com os outros, com o objetivo de trazer honra a sua família. Além disso, nesta época havia

também uma prática muito comum, realizada cotidianamente com filhos ilegítimos, indesejados e deformados, que era chamada de infanticídio tolerado. Esta prática não era uma prática aceita e era severamente punida, porém, era praticada em segredo, de forma escondida e disfarçada em forma de “acidentes”, os Gregos e Romanos “deixavam de ajudar ou ajudavam a morrer as crianças que não queriam conservar” (ÀRIES, 1981, p. 17). Percebe-se, portanto, que essa prática de excluir o diferente é algo que vem desde a antiguidade, e infelizmente ainda perdura até os dias atuais, percebe-se que apenas na contemporaneidade a sociedade tem destinado espaço para o diferente, o que ainda não é o ideal, mas é o início de uma conquista.

É dentro deste contexto que Tavares (2007) ao trazer o caminho histórico do lúdico na sociedade, afirma que as primeiras reflexões sobre a importância do brincar de forma educativa surgiu na época da antiguidade, ligada a ideia de relaxamento diante das atividades praticadas pelas crianças e que exigiam esforço. Destarte, pode-se concluir que o brincar permeia a vida da criança desde essa época, não como instrumento de aprendizado, mas como uma forma de relaxamento, e até mesmo de recompensa, diante das atividades que exigiam esforços que eram realizadas por elas.

Àries (1981) traz o relato de que foi a partir da época Medieval, que a prática do infanticídio foi proibida e em vez de matar os ilegítimos, indesejados e deformados, os pais poderiam torná-los gladiadores, escravos ou prostitutas, as crianças passaram a serem vistas como seres produtivos, mas quando não o eram, se tornavam substituíveis. O autor afirma ainda que na idade Média, as crianças eram a imagem e semelhança de adultos em miniaturas, pois já se vestiam como tais, frequentavam as festas da sociedade, iam a funerais e podiam até serem executadas, além disso, não havia restrição de práticas sexuais na presença das crianças, uma vez que muitas vezes os quartos dos pais e das crianças eram os mesmos. Pode-se perceber através da fala do autor, portanto, que as crianças eram consideradas “miniadultos”, e que não se tinha a visão da infância como uma fase distinta da fase adulta, e que a infância não era percebida como a fase de inocência que percebemos atualmente.

Sobre o brincar nesta época, Tavares (2007) afirma que a importância dada ao lúdico na antiguidade passa a ser equiparado a nada a partir da Idade Média, uma vez que a sociedade acreditava



que uma educação de verdade tinha que ter uma finalidade disciplinatória. Pode-se apreender que muito dessa forma de pensar ainda permeia a educação nos dias atuais, não apenas quando falamos da educação dada pelos pais e familiares, mas também quando se fala da educação em várias escolas que excluem o conceito de ludicidade na prática de ensino, e utilizam a disciplina como a única forma eficaz de ensino.

Àries (1981) defende que a partir dos séculos XVII e XVIII, começou a haver uma interferência dos poderes públicos e da igreja na educação e criação dos meninos e meninas, pois os mesmos desejavam dar a criança um espaço só dela, a partir de então, o cuidado passa a ser de responsabilidade das mulheres, principalmente de amas e parteiras, e começa a surgir então a ideia de “crianças anjos”, onde as mesmas eram consideradas almas inocentes e frágeis. A infância passa a ser conhecida como uma fase de ingenuidade, ternura e beleza, pode-se perceber nesta época, portanto, o fortalecimento de laços afetivos entre as crianças e seus pais. A educação que antes era de responsabilidade de terceiros, passa a ser de responsabilidade da família, que tem o dever de ensiná-las de forma racional e lógica, os valores morais, costumes e disciplinas. Através da fala do autor, portanto, passa-se a perceber que o conceito de infância trazido a partir desta época, torna-se um pouco mais parecido com o conceito de infância que se tem nos moldes atuais, começa-se a perceber que a fase da infância é uma fase distinta das outras fases e que por isso, as mesmas deveriam ser tratadas de forma diferente. Além disso, pode-se concluir que o fortalecimento dos laços afetivos entre criança e família, citado pelo autor, contribui para o fato de que agora a responsabilidade de educar e cuidar será da família e não de terceiros.

Começa-se a perceber ainda no século XVIII, de acordo com Tavares (2007), que foi no período da Revolução Industrial que houve uma mudança na concepção de vida dos sujeitos, que passou a ser fundamentada no individualismo, no utilitarismo e na produção, em consequência disso, o elemento lúdico é tirado do cotidiano adulto, ficando apenas no cotidiano infantil. Pode-se concluir através da fala do autor que o lúdico era um elemento presente na fase adulta e na fase infantil, sendo retirada da fase adulta em decorrência na necessidade exacerbada em produzir, ficando a mesma

presente, apenas, no cotidiano infantil, mas esta ainda não era presente no processo de educação.

Kishimoto (1993) destaca que a partir do início do século XX algumas instituições voltadas para a educação infantil trouxeram os jogos a partir de teorias pedagógicas influenciadas por Frobel, Claparède, Dewey, Decroly e Montessori e com o passar do tempo tornou-se mais visível a utilização de jogos e brinquedos a fim de desenvolver a aprendizagem de forma lúdica. Através da fala do autor pode-se perceber que a possibilidade de se utilizar o brincar como forma de ensino não é algo novo, já é algo que remonta desde o início do século XX.

Tavares (2007) traz que é na contemporaneidade que o brincar nas práticas educacionais vem surgindo, uma vez que passa a ser previsto pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil como instrumento de desenvolvimento e ponte para a aprendizagem, resultando na oportunidade de resgatar os valores essenciais dos seres humanos. Pode-se perceber através da fala do autor que o brincar que até então estava fora dos muros da escola, passa a ser incluído dentro dos muros da mesma, e não apenas isso, mas passa a ser considerado como uma ferramenta essencial de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Cotonhoto, Rossetti & Missawa (2019) afirmam que o brincar vem ganhando espaço e importância principalmente como recurso para o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades cognitivas, sociais, afetivas e motoras, além disso, as autoras defendem que pedagogos, psicólogos e professores o consideram um importante instrumento de motivação que pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral, escrita, raciocínio lógico, entre outras competências. Conclui-se, portanto, que profissionais que trabalham com as crianças utilizando o brincar, ação que pode abranger tanto brincadeiras como jogos, percebem que as crianças podem desenvolver-se em diversas áreas, utilizando-se de material lúdico.

Cotonhoto, Rossetti & Missawa (2019) trazendo pensamentos de Piaget (1978) e de Vygotsky (1988) dissertam que o brincar é uma maneira de interpretar e compreender o mundo e que durante os jogos e brincadeiras as crianças podem se desenvolver socialmente, cognitivamente e afetivamente na medida em que elas excedem o seu mundo habitual, pois, ao brincarem, as crianças planejam,

desenvolvem hipóteses e a imaginação, tomam decisões, criam regras de convivência, e constroem relações. Portanto, o que se percebe é que a ludicidade se constitui como um recurso que conquista as crianças e pode, assim, mediar o processo de ensino-aprendizagem.

Santos e Pereira (2019) afirmam que a palavra lúdica se origina do termo latino “ludus” e que o seu significado é brincar, sendo assim, esse brincar pode abarcar atividades como jogos, brincadeiras e outras formas de divertimento. Portanto, de acordo com os autores, o termo lúdico e brincar são sinônimos, e diversas atividades, como jogos, brincadeiras, ou outras coisas podem ser utilizadas como forma de divertimento para a criança.

Santos e Pereira (2019) pontuam através dos pensamentos de Pereira (2006) que o próprio significado do termo lúdico denota a utilização da imaginação, criatividade, interação e autonomia, portanto, através da sensação que o lúdico oferece ao indivíduo, o processo educacional pode se tornar menos desgastante e cansativo. Conclui-se, assim, que através da ludicidade, das brincadeiras, dos jogos e das diversas ferramentas existentes no campo da ludicidade, o aprendizado pode acontecer de forma mais leve e divertida.

Para concluir, Kishimoto (1993) afirma que utilizar a ludicidade na construção do conhecimento é uma estratégia que apresentará resultados significativos no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Deste modo, ao utilizar o lúdico no processo de ensino, pode-se observar um aprendizado significativo na criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou verificar como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo, compreender o que é o autismo, analisar como se dá o processo de aprendizagem de crianças com autismo e a importância do lúdico para que a aprendizagem ocorra.

Diante disso, através dos estudos bibliográficos pôde-se compreender que o autismo é um transtorno relacionado ao desenvolvimento neurológico. Geralmente, a criança autista é diagnóstica-

da com 3 anos de idade, uma vez que, é com esta idade que se percebe o início das limitações na área do desenvolvimento da linguagem, interação social e problemas comportamentais. A criança autista poder ser diagnosticada precocemente antes mesmo dos 3 anos de idade, desde que, o profissional seja altamente capacitado e tenha muito conhecimento acerca do autismo, uma vez que não existem exames que realizem este diagnóstico, sendo ele totalmente clínico. Além disso, quanto mais cedo a criança autista for diagnosticada e receber o tratamento adequado, maiores as chances de progressão nas áreas afetadas, que são as três áreas mais comprometidas no desenvolvimento da criança autista: comunicação, interação social e comportamento.

Dependendo do grau do autismo, a linguagem da criança pode ser limitada, muitas vezes, ela tende a escutar a fala dos outros e repetir de forma mecânica, o que se chama “estereotipia”, ou até mesmo pode não desenvolver a linguagem. Além disso, há a dificuldade em fazer contato visual, o que dificulta ainda mais a comunicação e muitas vezes, as leva à frustração, fazendo com que tenham momentos de crises e explosões de agressividade. Assim sendo, o fato de a criança autista ter dificuldade em se comunicar, repercute na interação social e nas questões comportamentais dela, o que a leva a preferir estar só, ou seja, se isolar, conforme afirmaram os autores desta pesquisa.

Sobre as dificuldades comportamentais que as crianças com autismo possuem, uma das principais está relacionada ao brincar, onde, as mesmas costumam brincar de forma não usual, ou seja, geralmente elas têm interesse restrito a uma atividade ou brinquedo, sempre brincando com as mesmas coisas e da mesma forma, além disso, a criança autista possui dificuldade em aceitar mudanças em sua rotina, e por isso sua rotina precisa ser extremamente estruturada, o que também interfere em sua forma de aprender.

Além de problemas nas três áreas citadas acima, as crianças com autismo têm dificuldade de aprendizagem, pois, possuem dificuldade em aprender da forma tradicional, sendo necessário que o seu ensino seja especializado, e que o professor se utilize de técnicas diferenciadas e criativas, ou seja, se utilize da ludicidade. Apesar da dificuldade de aprendizagem, a criança autista consegue aprender e deve estudar nas escolas de ensino regular, uma vez que o contato com outras crianças que não tem

autismo favorece o seu desenvolvimento.

Dentro do universo do autismo e da dificuldade que a criança autista apresenta em seu processo de ensino e aprendizagem, temos o lúdico como uma importante ferramenta para proporcionar uma aprendizagem significativa. Ou seja, as brincadeiras, jogos, imagens, músicas, computadores, entre outros, são ferramentas importantes no processo de ensino e aprendizagem da criança autista.

A partir das afirmações acima, que nos mostram como a criança autista aprende, é importante que se considere que para que o aprendizado se efetive, é preciso que o educador esteja atento às necessidades de cada estudante, considerando sua individualidade e focando em suas potencialidades, se utilizando da criatividade em sua práxis pedagógica como uma forma de potencializar a aprendizagem desses estudantes.

A partir dos estudos realizados, pôde-se confirmar que o lúdico é uma ferramenta de extrema importância a ser utilizada pelo professor para que haja aprendizagem da criança autista de forma significativa e prazerosa, pois, permite que os exercícios de aprendizagem sejam adaptados à maneira como as crianças veem e interpretam o mundo, sendo de extrema importância considerar que a criança com autismo aprende mais facilmente vendo, ao invés de ouvindo.

Sobre compreender o que é o autismo, por meio da literatura e dos autores utilizados, chegou-se a conclusão de que este objetivo foi alcançado de forma significativa, uma vez que através deste estudo pôde-se aprender o que é o autismo, quais as suas características, como se dá o diagnóstico, além disso, pudemos aprender como se dá o processo de aprendizagem da criança autista e a importância da ludicidade para que isso ocorra.

As informações contidas neste trabalho são fundamentais para pesquisas futuras. Os dados presentes nesta pesquisa poderão ser utilizados a fim de obtenção de conhecimento pelos profissionais da área, professores, familiares, além disso, esta pesquisa pode contribuir para que os professores repensem a sua práxis profissional, tornando-se profissionais mais capacitados no ensino a crianças com autismo.

## REFERÊNCIAS

ARIES, P. História Social Da Criança e da Família. 2 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BORALLI, E. R. Autismo: trabalhando com a criança e com a família. 3ª edição. São Paulo: Edicon/AUMA, 2008.

BATTISTI, A. V.; HECK, G. M. P. A inclusão Escolar de Crianças com Autismo na Educação Básica: Teoria e Prática. 2015 Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1251/1/BATTISTI%20e%20HECK.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BEZERRA, M. F. A Importância do Método Aba – Análise do Comportamento Aplicada – no Processo de Aprendizagem de Autistas. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 10, Vol. 06, pp. 189- 204 Outubro de 2018. ISSN:2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-de-autistas>>. Acesso em: 07 set. 2020.

BOSA, C. A. Autismo: Intervenções Psicoeducacionais. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo , v. 28, supl. 1, p. s47-s53, May 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000500007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 Mar. 2021.

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 28 mar. 2015.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1033668/lei-12764-12>>. Acesso em: 15 Jan. 2021.

BRASIL, Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993. Acesso em: 15 Jan.2021.

COTONHOTO, L. A.; ROSSETTI, C. B.; MISSAWA, D. D. A. A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica. Constr. psicopedag. São Paulo, v. 27, n. 28, p.37- 47, 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542019000100005&lng=p-t&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542019000100005&lng=p-t&nrm=iso)>. Acesso em 20 maio 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.

KISHIMOTO, T. M. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

MELLO, A. M. S. R de. Autismo: guia prático. 7ª ed. Brasília: CORDE, 2007. 104 p. Disponível em <<http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/7guia%20pratico.pdf>>. acesso em: 22 Nov. 2020.

MENDES, M. A. S. A Importância da Ludicidade no Desenvolvimento de Crianças Autistas. 2015. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015\\_MariaAlineSilvaMendes\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MINAYO, M. C. de S. (ORG). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, A. A.; PEREIRA, O. J. A importância dos Jogos e Brincadeiras lúdicas na Educação Infantil. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/download/899/pdf/2362>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SANTOS, C. F. dos.; SANTOS, H. C. dos.; SANTANA, M. J. de. O Processo de Aprendizagem de Crianças Autistas. 2016. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>>. Acesso em: 25/01/2019.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B. REVELES, L. T. Mundo singular: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2009, v. 29, n. 1, pp. 116-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>>. Epub 19 Jun 2012. ISSN 1982-3703. Acesso em: 11 abr. 2021.

SCHWARTZMAN, J. S. Transtornos do Espectro do Autismo: Conceitos e Generalidades. In: SCHWARTZMAN, J. S. ; ARAÚJO, C. A, de. Transtornos do Espectro do Autismo. São Paulo: Memmon, 2011. p. 37-42.

TAVARES, N. Ação Lúdica Na Educação Infantil. Colloquium Humanarum, v. 4, n.1, Jun. 2007, p. 01-07. DOI: 10.5747/ch.2007.v04. n1/h030.